

ATIVIDADES PEDAGÓGICAS NÃO PRESENCIAIS DE HISTÓRIA – 6º ANO

(atividades do dia 21/09 ao dia 09/10)

Orientações: Continuando o conteúdo sobre as primeiras civilizações, leia o texto sobre a Grécia antiga e responda as questões, após realizar a atividade enviar fotos ou entregar na escola.

A GRÉCIA ANTIGA

A partir de 1200 a.C. começou a se formar, na península Balcânica, uma sociedade que exerceria poder político e econômico, além de grande influência cultural, sobre uma vasta região banhada pelo mar Mediterrâneo: a civilização grega.

Muitos dos valores, das concepções de mundo e da cultura da Grécia Antiga perduraram e se difundiram como referências para outros povos e sociedades.

Você já deve ter ouvido falar da Grécia Antiga, onde surgiram a democracia, as olimpíadas e a filosofia. Mas a Grécia não era, como hoje, um país, embora todos os seus habitantes falassem a mesma língua, o grego.

A Grécia Antiga era um conjunto de cidades independentes espalhadas pelo mar Mediterrâneo e pelo mar Egeu numa vasta região que os gregos chamavam de Hélade. As cidades gregas localizavam-se em campos férteis, mas eram separadas por montanhas difíceis de atravessar. Por isso, o principal contato entre elas se estabelecia pelo mar, em um litoral formado por um grande número de baías, golfos e portos naturais. Essa característica geográfica explica a importância que a navegação, a pesca e o comércio marítimo tiveram para os antigos gregos.

A maior parte dos povos gregos vivia na região dos Bálcãs, no sudeste da Europa. Esse território pode ser dividido em três partes: a Grécia continental, a Grécia peninsular e a Grécia insular. Mas, a partir do século VIII a.C., os gregos passaram a habitar também regiões da península Itálica e da Ásia.

A FORMAÇÃO DA GRÉCIA ANTIGA

Você pode estar se perguntando: como é que habitantes de cidades tão distantes podiam falar a mesma língua? Na verdade, os gregos não viveram sempre assim, espalhados. Sua cultura surgiu na península Balcânica e dali se difundiu para outras regiões, num processo que durou muitos séculos e envolveu diferentes povos.

Antes de as primeiras evidências de uma cultura grega surgirem na região, existia, na parte insular da Grécia, uma grande civilização, que tinha como centro a Ilha de Creta. Por volta de 1450 a.C., os palácios cretenses foram destruídos, provavelmente quando ocorreu a invasão de outros povos.

Os aqueus foram os primeiros dos povos nômades indo-europeus que começaram a migrar para os Bálcãs e que se estabeleceram na região do Peloponeso em cerca de 1600 a.C.

O centro dessa nova sociedade era a cidade de Micenas. Por isso, a civilização criada pelos aqueus ficou conhecida como micênica.

Os micênicos desenvolveram o comércio marítimo e adotaram uma organização política centrada no poder de dois reis, que governavam cada qual em seu palácio.

Criaram e utilizaram uma forma escrita de registro, preservada em tabuinhas e vasos de cerâmica encontrados por arqueólogos.

Os palácios micênicos foram destruídos por volta de 1200 a.C. É possível que dificuldades econômicas e terremotos, somados à chegada dos dórios, tenham provocado o fim dessa civilização.

A GRÉCIA PÓS-MICÊNICA

Os dórios eram povos também indo-europeus que, no século XII a.C., chegaram à região do Bálcãs e se estabeleceram em Creta e na Grécia peninsular. No mesmo período, os jônios e os eólios, também indo-europeus, ocuparam a Grécia continental.

A sociedade que se formou entre os séculos XII e VIII a.C. era muito diferente da micênica. As novas comunidades estavam organizadas em propriedades familiares que incluíam escravos, animais, terras e casas, chamadas de oikos. O governo era exercido por uma assembleia composta de membros de famílias nobres, que cuidavam das leis, da administração, da justiça e da defesa do território.

Entre os séculos IX e VIII a.C., o crescimento da população grega fez com que as terras agrícolas disponíveis se tornassem insuficientes para o sustento das pessoas. Enquanto os que tinham mais poder ficaram com mais terras, os camponeses pobres se viram obrigados a trabalhar para eles. Muitos camponeses, endividados, tornaram-se escravos.

Essa situação levou vários grupos da população grega a ocupar terras ao longo do mar Mediterrâneo e do mar Negro. Assim, entre os séculos VIII e VI a.C., os gregos fundaram colônias no sul da Europa, no norte da África, na Ásia Menor e na costa do mar Negro. A expansão colonial grega estimulou o comércio marítimo e a utilização de moedas.

Além de provocar o fenômeno da colonização, o crescimento da população grega também estimulou as trocas comerciais e o aparecimento de várias cidades na Grécia, isoladas umas das outras. Chamadas de pólis pelos gregos (poleis, no plural), cada uma delas transformou-se num Estado independente, com leis e governo próprios. Por isso, elas também são conhecidas como cidades-Estado.

Ainda que fossem governadas por reis, nas poleis os cidadãos (politikos) interferiam nos assuntos do governo. A discussão e a participação dos cidadãos nas decisões sobre os rumos da pólis deram origem à palavra política, utilizada por nós até hoje. Nas primeiras poleis, porém, poucas pessoas, vindas de famílias privilegiadas, tinham cidadania, ou seja, o direito de participar da vida política da cidade.

ESPARTA

Entre os séculos VII e VI a.C., a pólis de Esparta exerceu hegemonia sobre as demais cidades gregas e tornou-se modelo para elas.

A pólis de Esparta tem sua origem com a chegada dos dórios à península do Peloponeso. Eles dominaram toda a região, se apropriaram das melhores terras e fundaram a cidade de Esparta. Seus descendentes, chamados de esparciatas, controlavam as instituições políticas da cidade e se dedicavam às atividades militares durante a maior parte da vida.

A educação em Esparta era mais rígida do que em outras poleis gregas. Os cidadãos eram submetidos às mais duras provas desde a infância. Aos 7 anos de idade, os meninos espartanos passavam a viver em quartéis. Lá se dedicavam ao exercício militar e se habituavam a suportar a dor, a fome e o frio.

Após o período de treinos, os jovens espartanos eram submetidos a um ritual de passagem. Os que não fossem considerados aptos para a guerra eram rebaixados para uma condição inferior. Voltados para a guerra, os cidadãos espartanos sobreviviam basicamente dos produtos cultivados em suas terras.

Você talvez se pergunte: se os esparciatas viviam para a guerra, quem produzia alimentos e outros bens necessários à sobrevivência da população? Essa tarefa era exercida pelos hilotas, antigos habitantes da região que foram dominados pelos dórios e despojados de terras e direitos políticos. Ainda que não fossem escravos, os hilotas não eram livres, pois eram obrigados a cultivar a terra dos esparciatas e a entregar a eles parte do que produziam.

Os habitantes dos arredores de Esparta que não eram descendentes dos dórios e nem hilotas formavam um grupo de homens livres chamados periecos. Eles se dedicavam à agricultura, ao artesanato e ao comércio e, como os hilotas, não tinham direitos políticos.

A OLIGARQUIA ESPARTANA

Como os espartanos governavam a cidade? Em Esparta, apenas os esparciatas tinham direitos políticos, e somente os membros das famílias mais importantes podiam ser eleitos para as funções de comando. Por isso, o regime político de Esparta é chamado de oligárquico (olígos, poucos; arkhé, governo).

Esparta, ao contrário de outras cidades gregas importantes, preservou a monarquia. Na cidade, dois reis comandavam o exército e cuidavam das tarefas sacerdotais. As leis eram formuladas pela Gerúsia, um conselho formado pelos dois reis e por 28 cidadãos com mais de 60 anos. Um comitê de cinco cidadãos, os éforos, era eleito todo ano pela assembleia para supervisionar as atividades políticas e julgar crimes importantes.

Os cidadãos maiores de 20 anos podiam participar da Ápela, assembleia que se reunia periodicamente para votar as leis propostas pela Gerúsia. Mas o poder da assembleia era limitado; quem comandava a cidade, de fato, eram os dois reis e os 28 anciãos da Gerúsia, que tinha o poder de rejeitar as decisões da assembleia caso decidisse que os cidadãos tinham votado de maneira incorreta.

ATENAS

Enquanto Esparta se estruturava como uma sociedade oligárquica e fortemente militarizada, mais ao norte, na região da Ática, a pólis de Atenas desenvolveu um modelo de cidade bem diferente.

Até o século VI a.C., Atenas foi governada por uma aristocracia de grandes proprietários rurais, que elegiam, entre si, magistrados encarregados de comandar o exército e fazer cumprir as leis. Os aristocratas também possuíam muitos escravos, em sua maioria prisioneiros de guerra e seus descendentes. Trabalhando nas minas, na agricultura, no artesanato e nas tarefas domésticas, os escravos possibilitavam que os homens ricos e livres se dedicassem à política e ao ócio.

A maioria da sociedade ateniense era composta de camponeses, artesãos e comerciantes. Havia ainda os metecos, como eram chamados os estrangeiros e seus descendentes. Excluídos da vida política, esses grupos foram, pouco a pouco, demonstrando seu descontentamento com o governo aristocrático.

No início do século VI a.C., as tensões sociais se agravaram e, para contê-las, o magistrado Sólon implantou uma reforma nas leis da cidade. Entre as medidas tomadas por ele, destacam-se o fim da escravidão por dívidas e a criação de um tribunal popular. Sólon também instituiu uma assembleia chamada Eclésia, da qual podiam participar todos os cidadãos atenienses maiores de 18 anos, e a Bulé, um conselho de 400 homens eleitos que preparavam as leis votadas pela assembleia.

O SISTEMA DEMOCRÁTICO

Apesar das reformas de Sólon, o poder permaneceu concentrado nas mãos dos magistrados, e as camadas médias e baixas da população continuaram sem participar plenamente da política, pois a Eclésia quase nunca se reunia. Assim, as reivindicações da população ateniense continuaram, e logo foram conquistadas novas mudanças na organização da pólis.

Clístenes, escolhido magistrado em 509 a.C., implantou leis que garantiram a participação política a todos os habitantes dos demos que fossem considerados cidadãos atenienses. Os demos eram unidades administrativo-políticas de Atenas, mas o termo adquiriu, nesse contexto, o sentido de povo, e o regime implantado por Clístenes passou a ser conhecido como democracia (governo do povo).

A Eclésia, que se reunia em um espaço aberto chamado Pnix, adquiriu plenos poderes em Atenas e passou a opinar sobre todos os assuntos. A Bulé passou de 400 para 500 membros, os quais não eram mais eleitos, e sim sorteados entre todos os cidadãos gregos.

A democracia ateniense baseava-se na noção de cidadania, que permitia a uma pessoa participar das decisões políticas da pólis. Mas, em Atenas, somente os homens adultos, filhos de pais atenienses, eram cidadãos e, portanto, podiam votar nas assembleias e ser magistrados. Mulheres, estrangeiros e escravos não eram considerados cidadãos. Estima-se que os cidadãos representavam pouco mais de 10% dos habitantes de Atenas.

AS MULHERES NA GRÉCIA

Na Grécia Antiga, as mulheres não possuíam direitos políticos, mas desempenhavam papéis importantes em várias áreas da vida privada, cívica e comunitária, como mães, donas de casa, poetisas, trabalhadoras, comerciantes, entre outras atividades.

Em suas casas, as mulheres da elite viviam separadas dos homens em cômodos chamados de gineceus. Nesses cômodos, as meninas brincavam com objetos associados às tarefas que teriam quando adultas (costura da lã, cuidado dos filhos e comando dos escravos domésticos). Algumas jovens com mais recursos podiam aprender a ler, escrever, recitar poemas e cantar ou tocar algum instrumento musical. Safo, por exemplo, tornou-se uma importante poetisa, e seu trabalho era admirado por homens e mulheres.

As mulheres da elite casavam-se entre 15 e 20 anos de idade. Os casamentos eram arranjados pelos pais. Após o casamento, a esposa passava a fazer parte da família do marido, bem como os filhos que seriam

gerados. O principal objetivo do casamento era gerar herdeiros; por isso, a ausência de filhos podia ser motivo para um pedido de divórcio.

As mulheres das camadas mais pobres não viviam confinadas. Com base em estudos recentes, alguns historiadores acreditam que os casamentos não eram arranjados entre os membros desses grupos sociais.

As esposas dos camponeses pobres gozavam de maior liberdade e desempenhavam outras tarefas, além das domésticas.

Muitas vendiam, na Ágora ou nos seus arredores, ervas de seu quintal, fitas e perfumes. Trabalhavam como babás, na colheita da uva ou costuravam com lã. Algumas possuíam pequenos comércios de gêneros alimentícios ou dirigiam tabernas.

A CONQUISTA MACEDÔNICA

no século VI a.C. os persas dominavam um vasto império, que abrangia o Oriente Médio, o Egito, a Mesopotâmia e toda a região da Ásia Menor, que incluía poleis como Mileto e Éfeso. Em 490 a.C., os persas avançaram mais a oeste e desembarcaram em Maratona, na Ática. Começaram assim as Guerras Greco-Pérsicas.

As cidades gregas, sob o comando de Atenas, formaram a Liga de Delos. Seus membros se comprometiam a fornecer aos atenienses recursos financeiros e militares para combater o inimigo, o que fortaleceu Atenas politicamente. Assim, quando as Guerras Greco-Pérsicas terminaram, em 448 a.C., Atenas era a cidade mais poderosa da Grécia.

Descontentes com a hegemonia ateniense, os espartanos reuniram outras poleis gregas, criando a Liga do Peloponeso. Em 431 a.C., esses dois blocos entraram em conflito, numa disputa que envolveu praticamente todas as cidades gregas e ficou conhecida como Guerra do Peloponeso.

Em 404 a.C., os espartanos derrotaram Atenas e impuseram a hegemonia sobre a Grécia. A liderança espartana, porém, não durou muito. Enfraquecida pela guerra, Esparta foi dominada pela cidade de Tebas.

A partir de então, iniciaram-se intensas lutas entre as diversas cidades gregas, o que permitiu que elas fossem facilmente dominadas por outros povos. Primeiramente pelos persas, que retomaram o domínio sobre as poleis gregas da Ásia Menor.

Em 338 a.C., os macedônios, comandados pelo rei Felipe II, conquistaram toda a Grécia continental e entraram em guerra contra os persas para expulsá-los da Ásia Menor. Os persas foram derrotados, mas Felipe II morreu em combate, deixando o trono para seu filho Alexandre.

A CULTURA HELENÍSTICA

Alexandre preservou o império fundado por seu pai e ampliou seus domínios, conquistando o Oriente. Após onze anos de batalhas, dominou a Síria, a Palestina, o Egito, a Mesopotâmia, a Pérsia e a Índia. A vastidão de seu império o levou a se tornar conhecido como Alexandre, o Grande.

Por onde passou, Alexandre submeteu os povos locais e fundou novas cidades, mais de trinta delas batizadas de Alexandria. O objetivo do imperador macedônico era transformar as cidades em grandes centros de difusão cultural.

Muitos soldados gregos e macedônios se fixaram nas regiões conquistadas. Ali difundiram o grego, que se tornou a língua oficial do império, embora as populações locais continuassem a falar seus idiomas. Também construíram templos, ágoras e ginásios bem parecidos com os das cidades gregas.

A síntese da cultura grega com a dos povos do Oriente conquistados por Alexandre deu origem à cultura helenística (do grego *hellenizein*, aquele que fala ou vive como os helenos). O centro dessa cultura era a cidade de Alexandria, no Egito. Ali foi construída a maior biblioteca da Antiguidade, um museu e o famoso Farol de Alexandria, que, de tão grande, podia ser avistado pelos navegantes a mais de 50 quilômetros de distância.

ESCOLA BÁSICA MUNICIPAL ALBERTO BORDIN

PROFESSORA: Tilara Gonçalves Machado

ALUNO: _____

6º ANO _____

ATIVIDADES PEDAGÓGICAS NÃO PRESENCIAIS DE HISTÓRIA – 6º ANO

Responda:

- 1- Quando e onde se formou a civilização grega?
- 2- Por onde estavam espalhadas as cidades gregas?
- 3- Como era feito o contato entre as cidades gregas?
- 4- Quem viveu na cidade de Micenas? Quais foram as descobertas desse povo e como ele chegou ao fim?
- 5- Quais foram os povos indo-europeus que chegaram na Grécia no século XII a.C?
- 6- Como era a sociedade que se formou entre os séculos XII e VIII a.C?
- 7- O que eram as poleis gregas?
- 8- Sobre Esparta responda:
 - a) Quem fundou a cidade?
 - b) Qual era a função dos espartanos?
 - c) Como era a educação em Esparta?
 - d) Quem eram os hilotas?
 - e) Quem eram os periecos?
- 9- O que é um governo oligárquico?
- 10- Defina:
 - a) Gerúsia
 - b) Éforos
 - c) Àpela
- 11- Sobre Atenas responda:
 - a) Quem governava?
 - b) Quem fazia parte da sociedade ateniense?
 - c) Quais reformas Sólon implantou em Atenas?
 - d) Qual foi o regime implantado por Clístenes?
 - e) Quem era considerado cidadão em Atenas?
- 12- O que foi a Guerra do Peloponeso?
- 13- Que povo conquistou a Grécia?
- 14- Quem foi Alexandre, o Grande? Quais foram suas conquistas?
- 15- O que é a cultura helenística?